



M.^{me} Maria do Carmo Contreiras na comédia «Rosas de todo o anno» representada na festa elegante em casa de seu pae sr. J. da Silva Contreiras (cliché fot. Alemã)

N.º 377 Lisboa, 12 de Maio de 1913

Assinatura para Portugal, colonias
portuguezas e Hespanha:

Ano, 4\$80—Semestre, 2\$40—Trime. tre, 1\$700

Illustração
PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal O SECULO

Dirêtor e Proprietario: J. J. DA SILVA GRAÇA
Editor: JOSE^o JOUBERT CHAVES

Redação, Administração e Oficinas - e Composição e Impressão: RUA DO SECULO, 43

Elle dará a Medicina V. dá o Tempo

Uns poucos de dias será o sufficiente para provar que V. se pôde curar

Uns poucos de minutos do seu tempo por uns poucos de dias e eu mostrar-lhe-hei, sem despezas da sua parte, que tenho medicina que faz desaparecer o veneno do Acido Urico do sistema, e ao fazer isto cura a doença dos rins, doença da bexiga e reumatismo em homens e mulheres. Eu não lhe peço que se satisfaça com a minha palavra, mas só lhe peço que me dê licença para lhe enviar alguma d'esta medicina para a poder usar pessoalmente.

Desejo saber sómente que V. sofre d'alguã doença para a qual a minha medicina é destinada, porque não é «um cura tudo», e por esta razão dou aqui alguns dos síntomas principaes das doenças dos rins, bexiga e reumatismo. Se V. sente um ou mais d'estes síntomas então necessita d'esta medicina, e eu terei muito gosto em lhe enviar alguma d'ela gratis se V. me escrever enviando os numeros dos síntomas que sente, dando a sua idade, nome e endereço. O meu endereço é Dr. T. Frank Lynott, 2148 Deagan Building, Chicago, E. U. A., e os leitores d'este jornal já são, sem duvida alguma, familiares com a minha fotografia.

Depois de usar esta medicina V. convirá que faz desaparecer o veneno do acido urico. Tonifica os rins de maneira a trabalharem em harmonia com a bexiga. Fortalece a bexiga de maneira que o desejo frequente de urinar e outras desordens urinarias desaparecem. Faz parar as dores reumaticas imediatamente. Dissolve os cristais do acido urico de maneira que as dores das costas e musculos desaparecem e articulações tortas endirei-

tam rapidamente. Reconstrue o sangue de maneira que V. sentir-se-ha mais saudavel, mais forte, dormirá e comerá melhor e a sua energia durará todo o dia. Faz tudo isto e ainda assim não contem nada injurioso e é absolutamente garantida conforme a lei.

Todos que se interessem bastante para me escrever pedindo a medicina gratis tambem receberão o meu grande livro medico illustrado, o qual descreve estas doenças detalhadamente. Mande-me hoje os numeros dos síntomas que o incomodam, e a sua idade e cumprirei as minhas promessas imediatamente. Mostre que deseja curar-se e sel-o-ha.

Estes são os symptomas:

1. Dôr das costas.
2. Desejo frequente de urinar.
3. Ardor ou obstrução ao urinar.
4. Enfermidades sex'etas.
5. Doença da prostata.
6. Gazes ou dores de estom'go.
7. Debilidade geral, vertigens.
8. Dôr ou sensibilidade debaixo da costella direita.
9. Inchação em qualquer parte do corpo.
10. Constipação ou doença de fígado.
11. Palpitação ou dôr debaixo do coração.
12. Dôr das articulações das ancas.
13. Dôr do pescoço ou cabeça.
14. Dôr ou sensibilidade dos rins.
15. Dôr ou inchação das articulações.
16. Dôr ou inchação dos musculos.
17. Dôr ou sensibilidade dos nervos.
18. Rheumatismo agudo ou chronico.
19. Anemia.
20. Debilidade nervosa.

Peçam a este Homem que lhes leia a Vida

O SEU PODER EXTRAORDINARIO DE LER AS VIDAS HUMANAS, SEJA A QUE DISTANCIA FOR, ASSOMBRA TODOS AQUELES QUE LHE ESCREVEM

Milhares de pessoas, em todas as centas da terra, tem tirado bom proveito dos conselhos d'este homem. Diz-lhes que os destinos que as suas capacidades lhes permitem e que modo poderão atingir o bom exito desejado. Indica-lhes os amigos e os inimigos e descreve os bons e os maus periodos da sua existencia. A descriçào que faz do que diz respeito aos acontecimentos, passados, presentes e futuro causar-lhes-ha espanto, e servir-lhes-ha de auxilio. E tudo quanto eu preciso para o fazer é seu trabalho litterario e a isto: o nome da pessoa (escrito propriamente a mão d'ella), data do nascimento e declaração do sexo. É accusado mandar o nome e o endereço. Citem o nome d'este jornal e obtem uma leitura d'esta gratuita. Se a pessoa não quer que se saiba que se aproveitou d'esta oferta especial e obtem uma revista da sua vida, não tem mais que enviar a seu nome e apelido, morada e data do seu nascimento (dia, mez e anno), do bem claramente «cria e applicado», quer seja senhor, senhor ou menina (se letra), copiando tambem a sua letra, os seguintes:



Não milhares os que nos dizem que d'as conselhos sem par: Para atingir a ventura, Querem-me o caminho en-saiar?

A pessoa que escrever, se essa for a sua primeira vez, pode juntar ao seu pedido a quantia de 10 réis em estampilhas do proprio pais, para despezas de porte e de encierlorio. Dirija a sua carta a Clay Hurst & Co., Suite 208, 2, Palais Royal, Paris, França. As cartas para a França devem ser franqueadas com 50 réis.

Roses d'Orsay
Evoca o perfume da Flor
D'ORSAY, 17, Rue de la Paix, PARIS

Le Chevalier d'Orsay
Este perfume se harmoniza com o aroma do charuto
D'ORSAY, 17, Rue de la Paix, PARIS

Comprem os Bordados Schweizer
que vendemos franco de porte a domicilio directamente da Suissa

BLUSAS Desde frs. 5.80 VESTIDOS Desde frs. 15

VESTIDOS PARA CRIANÇA Desde frs. 6.75

O melhor bordado suizo, sobre batiste, voile, tulle, crépon, marquissete, la e sobre sedas novidade.

PEÇAM AMOSTRAS E FIGURINOS FRANCO

Os nossos vestidos bordados, se vendem sem confeccionar mas enviamos os padroes cortados para todos os nossos modelos e em todas as medidas a quem os pedir.

SCHWEIZER & C^{IE}
LUCERNE A 22 (Suissa)

AGENCIAS NO BRAZIL DA Nutricia de Lisboa

Esta empresa acaba de ultimar negociações para o estabelecimento de agencias de venda dos seus produtos nas seguintes cidades:

Agencia do Sul — Rio de Janeiro, Santos e S. Paulo. Agente Sr. A. NUNES DE SA, Rua dos Ourives, 105, sobrado R.º de Janeiro.

Agencia do Norte — Pará e Manaus. Agente Sr. CAMILLO VELHOTE Desde já podem ser feitos pedidos nas respectivas agencias.

ALEMANHA. — *O militarismo triunfa: vota-se no Reichstag o aumento de mais seis regimentos na cavalaria alemã, — que ainda assim é inferior de 300 esquadras à cavalaria russo-franceza; publica-se em Stuttgart um livro colaborado pelo kronprinz e por varios generaes incitando a Alemanha á guerra.*

Emquanto o militarismo alemão, exaltado por um estado maior irrequieto e pelos versos ardentes de Emmanuel Geibel, procura acordar instintos guerreiros na Alemanha industrial e pacifica de hoje — a Alemanha do *made in Germany*, a Alemanha ávida de exercer em socego as suas aptidões crematísticas, a Alemanha que se arma até aos dentes por que quer a todo o preço a paz —; enquanto o sonho da pan-dominación germanica pelo ferro e pelo fogo faz resplandecer de novo a espada

chamejante de Sigfredo, — o poeta Rostand, pronunciando o seu discurso na Sociedade de Conferencias Estrangeiras, recorda a profecia do velho Goethe quanto á hegemonia intelectual da França, proclama a fórmula de um imperialismo ideal, — o do pensamento, e acrescenta que a maior gloria da França moderna é a de ser mais cheia de clares do que erizada de baionetas.

VIDA ECONOMICA. — *O sr. ministro das finanças apresenta ao parlamento um projeto de lei extinguindo a moeda de 0,5 centavos.*

É a velha moeda de cinco réis que desaparece. Ha quem diga que ella era inutil e que toda a gente a deitava lóra quando a recebia n'um troco; ha quem diga tambem que a sua eliminacão consagra um erro economico, agravando a situacão das classes pobres e produzindo a maior carecia

dos generos de consumo popular. Seja como fór, ficam dizendo o seu eterno adeus á petodos os mendigos, mildes, todas as o mealheiros de ella lilintava como painéis das almas cair todas as males para quem ella riqueza, a queles ella, — *porte bonheur* era apenas a felicidade...



hoje, nos arredores de Lisboa, o mais funesto agente de desarborisação. Singular creatura meio arabe, escura d'olhos, tsnada de sol, cuja carapuça de veludo fez n'outro tempo a delicia do infante D. Miguel, a saloia — e o seu par, o saloio — teem pela arvore o mesmo horror instintivo, a mesma fobia inconsciente do marroquino. O seu sonho é a aridez; o seu paraizo é um horizonte escalvado. De todas as arvortes que se plantaram ha vinte anos na estrada de Cascaes a Carcavelos, só restam de pé oito ou dez troncos. Onde possa ir a enxada do saloio, — não ha uma raiz. Ao seu espirito, impregnado de fatalidade, é preciso o silencio, a planicie onde não ramalhem frondes

altas, a terra escalvada de sol onde não alaste a nodoa roxa d'uma sombra, o vale onde não se levante o gesto de benção d'uma arvore. Acima da sua cabeça, só o telhado da sua casa. O mais, — hortas rasas, searas rasas, estradas rasas. Este odio á arvore amiga, á arvore protetora, á arvore patriarcal —, tem alastrado, tem-se estendido em superficie; todos nós somos já um pouco marroquinos: hoje, evangelisar a arborisação é fazer uma obra necessaria e bela. A' ação dos propagandistas, á palavra dos sabios, vem juntar-se o entusiasmo lirico dos poetas. Antonio Corrêa d'Oliveira, que já exaltára a alma inquieta da «raiz e a infinita espiritalidade do «pinheiro exilado» nas tardes doiradas e silenciosas, — acaba de publicar a *Vida e Historia da Arvore* — onde em largos ritmos, humanisando a natureza, canta a arvore da cruz, os pinheiros de agosto, o platano de Xerxes, a arvore do conde Niño, os salgueiros tristes, as florestas religiosas, — e a lança de Nun'Alvares, que chora por se lembrar de que já um dia foi arvore tambem...

FUNCIONALISMO. — *O governo holandez convidou o governo portuguez a mandar anualmente á Haia alguns novos ou futuros funcionarios, a fim de seguirem os cursos que vão inaugurar-se, pelo subsidio de Carnegie, na Academia de Direito Internacional.*

A Holanda, educando os seus funcionarios e querendo educar os dos outros paizes, está dando uma lição a todas as nações latinas onde o funcionalismo se improvisa ou se recruta pelo sistema de *chauffage* dos concursos. Como todos os paizes de formação comunitaria, que mantem a hierarquia das profissões e que consideram ainda a industria e a agricultura occupaões subalternas, — nós, que temos o culto do funcionalismo, ainda não pensamos a serio em fazer a educação especialisada do funcionario, adaptando-o ás exigências modernas e ás condições esp. cias da sua missão.

JULIO DANTAS

ARVORES.

Ha em Portugal, n'uma região restrita do seu territorio, um inimigo implacavel, um inimigo mortal da arvore: o saloio. O saloio é



UM CASO DE AMOR

Eulalia, que estivera no jardim toda aquela manhã, cuidando das suas flores, reentra em casa com um grande ramo de cravos apertado contra o seio, quando apercebeu no alto da escada, entre a folhagem crespa da trepadeira que guarnecia a porta, o vulto de seu marido.

Subindo lentamente os degraus, exclamou:

—Julguei que ainda não tinha vindo!

—Chegusi agora mesmo—replicou ele.

—Vin o advogado?

—Vi... — E depois de um instante de silencio, como ela se detivera, fitando-o com um olhar interrogador, acrescentou em voz incerta: — Ficou tudo combinado. A manhã ou depois será apresentado o requerimento...

—Ah! Bem.

Tratava-se do seu divorcio, da derrocada definitiva de um lar construído um ano antes com as mais seguras garantias de felicidade—e contudo não havia nas suas palavras brandas, quasi amigáveis, o menor indicio da divergencia que os desunia.

Eulalia e Agostinho mal se conheciam quando um dia, descendendo com a vontade dos paes, trocaram as primeiras promessas de noivos. Ambos ricos, sem compromissos sentimentaes, não crendo o amor indispensavel á vida conjugal, aceitaram-se sem entusiasmo nem repugnancia, com a leviandade d'aqueles para quem a existencia nunca teve as amarguras que geram o anejo da felicidade. Ela tinha vinte e quatro anos e a beleza um pouco fria das mulheres do norte. Esbelta, com flexibilidades de planta, a sua cabeça era como uma flor d'oiro emergindo de uma

esguia anfora de tanagra. Os olhos azues, pouco luminosos, como os olhos de certas crianças, lembravam dois pequenos céus esperando o sol que os devia alvorecer. Agostinho, que completava então trinta anos, interessou-se nos primeiros dias de noivado por essa linda creatura que ia pertencer-lhe sem o amar. Tendo consumido em amores de acesso os melhores anos da sua mocidade, sensibilizára-o, pelo contraste, essa figurinha de virgem loira, em cujo encanto havia a frescura e a suavidade d'uma aguarela. Mas, apenas casado, não percebendo que era necessario revelar essa mulher a si propria, sentiu iludido o seu interesse, e bem cedo regressou ás aventuras facéis da sua vida de celibatario rico, com a mesma regularidade de out'ora. A amizade superficial que aligeirára os seus breves colloquios de noivos, foi assim esfriando lentamente — e o tenue laço da sua intimidade de tal modo se afrouxou que, volvidos alguns mezes, apenas se encontravam, por decoro domestico, á hora das refeições ou em alguma fortuita reunião familiar. Nunca entre eles se trocára o «tu» amavel e confidente, que em labios de

amantes é doce como um beijo; no seu tratamento, como na polidez com que se repeliam, havia o artificio com que a vaidade burgueza tanta vez deforma o carater d'aqueles que pretendem educar. Esta existencia ilogica e enervante fatigou-os afinal; e uma noite, como Agostinho, findo o jantar, esboçava o habitual cumprimento de despedida, Eulalia teve-o com uma pergunta:

—Tem muita pressa?

Surpreso, ele fitou-a um instante, demorando a resposta:

—Não. Deseja alguma coisa de mim?

—Preciso falar-lhe... E' necessario que resolvamos...

A sua voz hesitante traía o embaraço que muitas vezes precede as grandes decisões. Ele atalhou, curvando-se:

—Estou ás suas ordens.

Em silencio, impressionados pelas palavras que iam trocar, passaram a um gabinete contiguo. Era uma saleta oblonga, de tonalidades roseas, onde Eulalia vivia habitualmente os monotonos dias da sua existencia incompleta. Agostinho, que nunca ali entrava, sentiu-se perturbado por um indefinivel constrangimento — e foi talvez para melhor o dissimular que, apenas cerrada a porta, se apressou a perguntar:

—Que é, afinal, o que tem a dizer-me?

—E' simples—começou Eulalia, a voz ainda pouco firme.— A nossa vida, como sabe, é uma mentira que todos os dias se repete com uma regularidade que parece inconsciencia... Apesar de nos haverem casado, somos dois estranhos

que se incomodam...

—Oh, eu nunca disse... — protestou ele.

Eulalia cortou-lhe a frase, com impaciencia:

—Por Deus, meu amigo, falemos um instante sem disfarces. Certo, nunca nenhum de nós repeliu o outro com uma palavra de tedio; mas dentro de nós esse tedio existe, sempre que nos achamos juntos.

—Oh, Eulalia!...

—E' assim que é necessario falar, porque se trata de resolver uma situação atroz. Tenho pouco mais de vinte anos, meu amigo; ignoro ainda o que é a vida, mas sinto que isto não é viver...

—Mas o que quer que eu faça?

—O senhor?... Nada. O mal é comum; a culpa é comum; há portanto uma só solução...

—O divorcio?...

—Sim, o divorcio.

—Já mediu todo o alcance d'essa palavra, Eulalia?

—Deve confessar que me não tem faltado tempo para isso. De resto, consulte a sua razão, consulte o seu coração até; não devemos a nós mesmos uma resolução que nos dignifique? Casando-nos,



— julgamos que poderíamos atravessar a vida juntos, se não com amor ao menos com uma boa e serena amizade. Enganamo-nos. Que nos cumpre pois fazer?... Responda lealmente.

— Bem. Separar-nos-emos. A' manhã falarei a um advogado.

Houve um silêncio. O olhar de Agostinho, alheado talvez na visão do passado, parecia ter abandonado os olhos que ele obstinadamente fixava nas flores de um tapete. Eulalia, abstraída também, talvez fatigada pelo esforço d'aquella resolução suprema, immobilizara-

se egualmente em funda concentração. Foi elle quem primeiro despertou; e, vendo abandonada sobre uma almofada uma das mãos da sua mulher, onde brilhava ainda o anel do casamento, tomou-a com a delicadeza de quem levanta uma flôr caída, e murmurou:

— Não me queira mal, Eulalia!...

Ela retirou a mão com sobresalto; depois, entreabrindo os lábios a um sorriso triste:

— Certamente. Seremos sempre bons amigos.

Depois d'essa entrevista, a sua existência comum tornou-se mais penosa ainda. As palavras que tinham trocado, apesar do pensamento de desamor que as inspirara, haviam nos aproximado um pouco; e uma inquietação singular, mesclada de curiosidade, substituiu a indiferença com que antes se encaravam.

Por esse tempo soube Eulalia que o marido tinha reatado, com imprudente publicidade, a sua antiga ligação com uma celebre atriz de opereta, e que havia motivos para se crer imminente um escândalo provocado pelo despeito de certo concorrente prejudicado por essa imprevida reconsideração sentimental.

— E' preciso acabar com isto! — disse ella, de si para si, vexada pela malevola compaixão dos que lhe haviam levado a noticia.

Agostinho, interpelado bruscamente n'esse mesmo dia, forneceu-lhe confusos pormenores sobre a acção do divorcio, e assegurou-lhe que a sentença devia ser proferida dentro de uma semana.

— Mas eu ainda não fui chamada ao tribunal! — objectou ella.

Agostinho retorquiu, apoz um momento de perplexidade.

— Como se trata de uma separação amigavel... De resto, deve lembrar-se que o advogado tem procuração para...

— Bem, bem! Com tanto que isso finde depressa!...

— Que impaciencia!... — E, como ella não respondesse, tornou: — Permita-me uma pergunta, Eulalia?

— Diga.

— Ama alguem?...

Ella considerou-o com assombro, quasi com indignação:

— Não. Ninguem! — E, instantes depois, sentindo sobre si o olhar d'ele, repetiu com mais força: — Ninguem!

Uma longa semana se passou, sem que a situação se modificasse. Eulalia, duvidando pela primeira vez da veracidade das informações do marido, prometia já a si propria averiguar se em tal suspeita haveria alguma raiz de verdade, quando uma noite, altas horas, ouviu bater de leve á porta do seu quarto, e logo em seguida o seu nome ansiosamente invocado:

— Eulalia! Eulalia!

Peirificada pela surpresa, empalideceu mortalmente. Era Agostinho!

— Eulalia! Eulalia! — repetiu a voz, fóra.

Instintivamente, Eulalia corrigiu em bruscos movimentos de alarme a desordem do vestuario intimo — e, no gesto com que repuxou sobre o seio mal velado a gola arrendada do roupão, havia o indignado pudor da mulher que se defende de um ultraje. Foi assim, n'um impeto de revolta, que avançou para a porta e perguntou duramente, sem a abrir:

— Quem é?

A voz de Agos-

tinho tornou-se implorativa:

— Sou eu, Eulalia. Abra, peço-lhe! Preciso de falar-lhe urgentemente.

— A' manhã!

— Impossivel! E' um caso urgente. A' manhã será tarde.

Tinha fervor de sinceridade, a supplica. Eulalia, um momento indecisa, abriu por fim a porta com resoluta altivez, Agostinho entrou. Acabava, sem duvida, de chegar de alguma festa galante, pois na lapela da sua casaca pendia ainda, amarfanhada talvez pelos braços efusivos de outras mulheres, uma linda gardênia.

— Desculpe-me... — balbuciou elle, entrando. — Ha um facto grave na minha vida... Necessito dizer-lhe...

Mas vendo que ella lhe tomava a passagem,



hirta, silenciosa, o olhar agressivo, acrescentou:

— Não me receba assim, como a um inimigo, Eulália. É importante o que venho dizer-lhe... Lentamente, sem uma palavra, ela afastou-se; depois, fechando a porta, disse com a severidade de um juiz:

— Escuto-o.

Agostinho respirou fortemente.

— Não a fatico com rodeios—começou ele.— Eis o facto: dentro de algumas horas, ás sete da manhã, devo bater-me. Um estúpido duelo á pistola com um adversário mais estúpido ainda... Perder a vida, em taes circumstancias, é bem facil...

Eulália empalideceu, mas não quebrou o obstinado mutismo com que o escutára. Ele, não vendo a luz da piedade que esperava surpreender no claro azul dos seus olhos, continuou:

— Não cuide que me assusta o perigo; o que me afflige é a situação em que este desastrado incidente nos encontra.

— A que se refere?

— Dentro de alguns minutos sairei d'aqui na incerteza de a tornar a vêr... Preciso pois de fazer-lhe uma confissão... Não quero que fique odiando a minha memoria, no caso de...

— Uma confissão?... É inutil. As suas culpas de marido procedem do erro do nosso casamento. Perdão-lh'as sinceramente.

— Não é d'isso que se trata, Eulália. A confissão que pretendo fazer-lhe é bem mais grave.— E, avelludando a voz n'um murmuro de confidencia:— Escute... Ha um mez que a amo!

— A mim?!— e, n'este brado os labios de Eulália espremeram todo o fel do desprezo que a enervava.

— Sim!— tornou ele, excitado.— Ha um mez que a amo e me dilacera o desespero de a perder. Como foi isto?... Não sei. Um castigo, talvez! Lembra-se d'aquella noite em que me propoz o nosso divorcio?... Pois foi então, n'essa hora de intimidade, em que as nossas almas pela primeira vez se procuraram (para se apartarem, embora!) foi então que o seu encanto começou a perturbar-me. Eu desconhecia-a, Eulália. Tendo-a a meu lado, nunca me lembrára de auscultar o seu coraçãozinho adormecido; no nosso casamento nunca a minha odiosa vaidade de homem mundano viria mais que um ato de elegante exhibicionismo... Só n'essa noite, Eulália, n'essa noite em que exigi o nosso divorcio, foi que a senti pela primeira vez minha mulher! Não imagina que doloroso e delicioso despertar! E foi sómente n'esse instante, tambem, que tive a intuição de quanto a fizera sofrer.

Ela, sempre altiva, revoltou-se:

— Acaso me queixei?...

— Não; não se queixou. Mas nas suas palavras havia amargura, e na impaciencia da sua resolução o sobresalto de uma dor que não dormia... Até a sua beleza a denunciava, Eulália. Era a beleza da mulher que sofre!

O som falso de um meio-riso enervado interrompeu-o:

— O que o senhor imagina!...

— Comecei então a amal-a profundamente, humildamente. Algumas vezes busquei palavras para lh'o dizer, mas, sempre que nos encontravamos, as suas breves perguntas sobre o nosso divorcio, gela-

vam a esperanza que me encorajava. Procurei então não (nada lhe occulto, bem vê!) procurei então des- pertar o seu ciuime.

— O meu ciuime?!

— Sim! Foi para isso, sómente para isso, que me lancei na desgraçada aventura que vae terminar com o duelo de amanhã.

— O meu ciuime!... — repetiu ela, com surda irritação.

— O seu ciuime, sim! Porque eu esperava ainda reconcilia-tal-a, E, escute ainda. Tudo quanto lhe disse acerca do nosso divorcio, é falso!

— Oh!...

— Sim, falso!— repetiu, com veemencia.— Mentí, mentí sempre, porque me não resignava á idéa de perdê-la quando principiava a amal-a!

— Pois fez isso?!...

Eulália agora considerava-o com assombro. Ele não respondeu; parecia extenuado. E, entre esses dois séres que um destino caprichoso unira, passou então, como rio engrossado por uma tempestade, um longo e oppressivo silencio. Por fim, com voz humilde, que a fadiga parecia diluir, Agostinho murmurou:

— Eis o que tinha a dizer-lhe, Eulália... Perdôe-me. Eu menti-lhe porque a amava.

Depois, como nenhum gesto ou palavra perturbasse a imobilidade com que ela o escutava, Agostinho arrancou da algibeira um papel azulado, desdobrou-o lentamente — e, oferecendo-lh'o, acrescentou:

— Ah! tem a procuração que lhe fiz assinar, para melhor a iludir. Aceite-a... Se eu voltar vivo do duelo, entregue-a ao advogado e bem cedo obterá o divorcio que deseja; se o contrario succeder, nem esse incomodo lhe será necessario para rehavêr a sua liberdade, pois uma bala certaia divorcia mais depressa e melhor que umjuiz...

Foi atravez de um sorriso triste que estas palavras saíram da sua boca. Eulália, sempre silenciosa, tomou maquinalmente o papel. Tinha os olhos cravados no marido, mas o seu olhar, perdido certamente em algum remoto sonho, não acompanhava esse

aparente esforço de atenção. De subito, uma luz nova cintilou no fundo das suas pupilas azues — e Agostinho, que a observava com inquietação, viu-a avançar para o tocador onde, entre alvas nuvens de rendas, um espelho repetia, no seu incerto palpitante, as chamas lanceoladas das velas de uma serpentina. Vagamente assustado, exclamou:

— Eulália!

Mas já ela, tendo aproximado o papel de uma das velas, seguia com o olhar fascinado a clara e rutilante chama que d'ele vitoriosamente jorrou.

— Eulália! Eulália!— repetiu Agostinho; mas no brado, d'esta vez, fremia uma esperanza que vence.

Estendeu-lhe as mãos, n'um suave gesto de atração; ela avançou as suas. E assim, possuindo-se já mas ainda distantes, sondaram-se profundamente no humido olhar que trocaram.

— Que devo pensar, Eulália... — perguntou ele, alvorocado, atraindo a mais.

Eulália cedeu á pressão dos seus braços—e, poisando-lhe no peito, sobre o coração, a cabeça doirada, respondeu com um sorriso em que floria a primeira promessa de amor:

— Que sou tua mulher...

D. JOÃO DE CASTRO.





O CONCURSO DE SONETOS DE AMOR

Esta bela iniciativa d'arte da *Ilustração Portuguesa* encontrou o melhor acolhimento da parte dos poetas modernos. Grande numero de concorrentes se apresentou até hoje, em que se encerrou o praso para a entrega das produções poeticas.

Os tres poetas mais classificados receberão artisticos objetos com que se lhes premiará a inspiração, sendo as suas produções, assim como as que o juri achar dignas d'isso, publicadas successivamente no *magazine*, com illustrações allegoricas aos trabalhos.

Naturalmente as obras que aparecem n'este concurso teem o mimo e a graça do assunto; revelarão algumas d'elas até mesmo poetas desconhecidos, rapazes de valor que, sem esta iniciativa, que terá o largo eco d'uma tiragem enorme como é a da revista, esperariam ainda muito tempo pela publicidade com exito e isso é o bastante para mostrar quanto foi util e de alcance a idéa do concurso.

Numerosas cartas, enviadas de todo o paiz, mostram o grande interesse que ele realmente despertou e a que tão exuberantemente se respondeu.

O juri, cujos nomes publicaremos no proximo numero, e que é composto por alguns dos mais illustres poetas portuguezes, classificará detalhadamente os trabalhos em nosso poder e entre os quaes deve haver muitas surpresas.

Uma Festa d'Arte no Salão da Ilustração Portuguesa



1. Um aspecto

Mais uma festa d'arte se realizou no salão da *Ilustração Portuguesa*.

Tratou-se da audição das alunas dos distintos professores maestro Sarti e madame Sarti.

Cantaram-se varios trechos d'opera e, fóra do programa, cantou-se ainda a aria de *Pe-*



da assistencia.

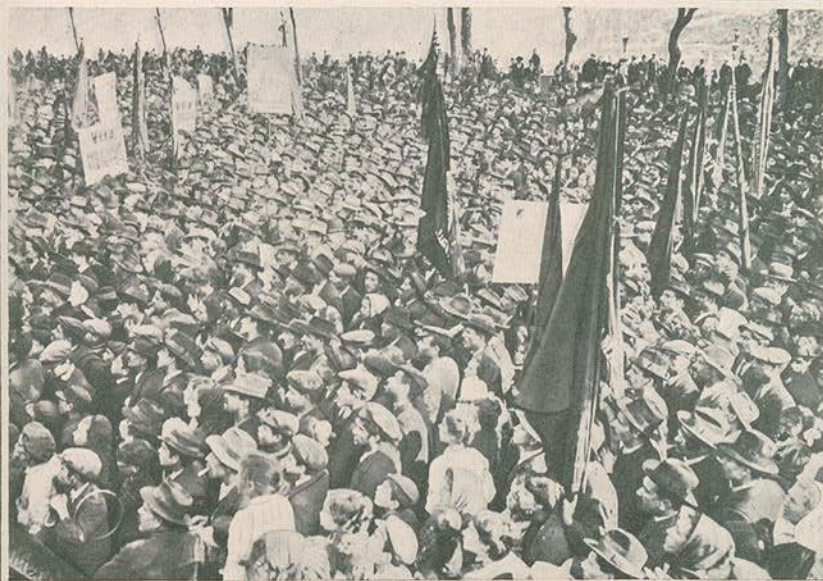
roglese, o dueto da *Aida* e a romanza *Comme la Nuit*.

De dia para dia marcam-se os progressos das distintas amadoras que frequentemente dão em publico as suas provas, aparecendo quasi sempre no salão da *Ilustração*, onde concorre um publico seletto a aplaudil-as.

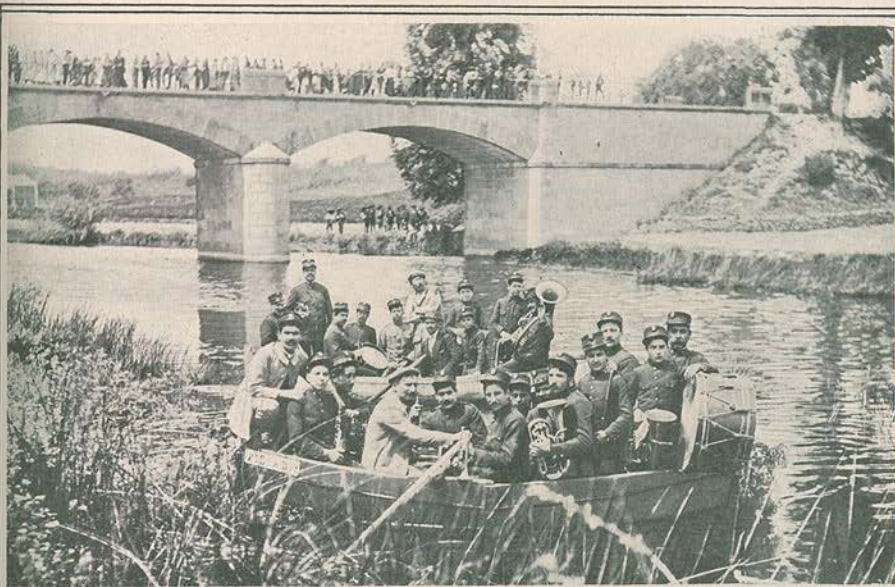


2. As distintas amadoras e seus professores que tomaram parte na festa: 1.º plano, sr.ª D. Maria da Costa Bravo, D. Sara Shirley, D. Ermelinda Cordeiro, D. Josefina Wassa d'Andrade, Madame Sarti, D. Maria Helena Shirley, D. Siela Leitão, D. Izabel Nortway do Vale, 2.º plano, sr.ª D. Beria Falcão, D. Amelia Santos, D. Alice Veiga, D. Maria Anclia Shirley, D. Matilde Miranda, maestro Alberto Sarti, D. Silvia Xavier Cordeiro—3. Outro aspecto da assistencia. (Clichés Benollet).

O 1.º DE MAIO



Um aspéto do comício nas Fontainhas, Porto.



Crato—O operariado faz no dia 1.º de Maio a sua festa no rio de Leda.
(Cliché do distinto fotógrafo amador sr. Antonio Pecego de Figueiredo.)

O predio desmoronado no Alto do Pina



Um aspecto das casas desmoronadas no Alto do Pina em virtude dos maus materiais empregados na sua construção e em cujos escombros ficaram três homens mortos.



O publico, vendo o desentulho dos destroços. (Clichés Benotiel).

Em Roma

A ultima caçada á raposa e uma victoria feminista no Circolo della caccia



Marcou na vida elegante de Roma a ultima caçada á raposa! Como já sabem os leitores da *Ilustração*, a *caccia alla volpe* constitue na Cidade Eterna um *sport* dos mais prediletos da alta sociedade. A ultima caçada é, porém, um verdadeiro acontecimento mundano. Como é da tradição, efetuou-se no sitio de Cecilia Metelo, proximidades da Via Appia, tão celebrada pelos arqueologos.

Uma multidão enorme alastrava pela planície, ansiosa de admirar os cavaleiros e as amazonas que tomavam parte no torneio ve-

natorio. Toda a Roma elegante e *snob* se deu *rendez-vous* em Cecilia Metelo, passando ao longo da Via Appia uma fila quasi interminavel de ricas equipagens, magnificos automoveis e de simples carruagens de praça, conduzindo socios do aristocratico *Circolo della Caccia*. Escusado é, pois, dizer que a animação foi sempre extraordinaria e que a ultima caçada á raposa gravou assim, em quantos intervieram no interessantissimo torneio, ou só a ele assistiram como espêta-dores, as mais gratas recordações.



1. A partida para a caça.—2. Aspêto da ultima caçada á raposa d'este ano.



A' noite, nas suntuosas salas do *Circolo della Caccia*, celebrou-se o exito das caçadas do corrente ano com um entusiastico banquete oferecido pelo illustre marquez Pedro Patrizi. Os convivas tomaram logar em quatro mezas adornadas com lindissimos cravos e laços de fita amarela e *mauve*, sob a presidencia do cav. Paschoal Massimo, um caçador emerito.

O banquete celebrou ainda uma vitoria feminista, chamemos-lhe assim: a entrada de damas nas festas *Circolo della Caccia!* Até então as da-

mas eram sistematicamente excluidas; e foi só depois d'uma luta vivissima entre os socios que, *por maioria*, elas obtiveram a sua admissao no aristocratico Club.

O sr. marquez Pedro Patrizi, seu principal defensor, recebeu como era natural, grandes ovações de todas as formosas damas que, sempre indulgentes, tambem esqueceram os seus inimigos da vespera—apostolos da austeridade classica... e do mau gosto.

As fotografias que publicamos dão alguns aspéctos da memoravel caçada de despe-



1. Seguindo o rastro.—2. Ponto de reunião para a caçada.—3. Começo da batida.



Em pleno campo da caçada.



1. No regresso da caça.
Um grupo de oficiais de cavalaria voltando da batida.

dida e mostram bem que as nossas palavras não exageram a imponencia que atribuímos a tal acontecimento sportivo. De resto, para maior esclarecimento dos leitores, remetemos-as para o artigo que a *Ilustração Portuguesa* no seu n.º 365 e no qual tratamos des-
envolvimento do assunto.



3. Junto da-barraca restaurant, principal ponto de reunião dos caçadores.

A CARREIRA-DE-TIRO EM BARCELOS

Manhã cedo, ainda os *chantecleres* do do meu logar e adjacências atroam os espaços com seu clarim som, vibrante, deixo a vila envolta n'um nevoeiro, que aljofra de atomos de polvilho immaculado os predios.

Um frio constante, improprio da estação primaveril, enregela cruelmente o corpo. Uma ou outra mascara estremunhada assoma ás janelas.

Os Paços dos Duques de Eragança recortam-se n'uma silhueta fosforante.

Sob a ponte, vasto lençol d'agua lança-se com estridór nervoso, barulhento, de encontro ás rodas das azenhas, que giram vertiginosamente. No areal, as lavadeiras já batem a roupa. Gargantas de

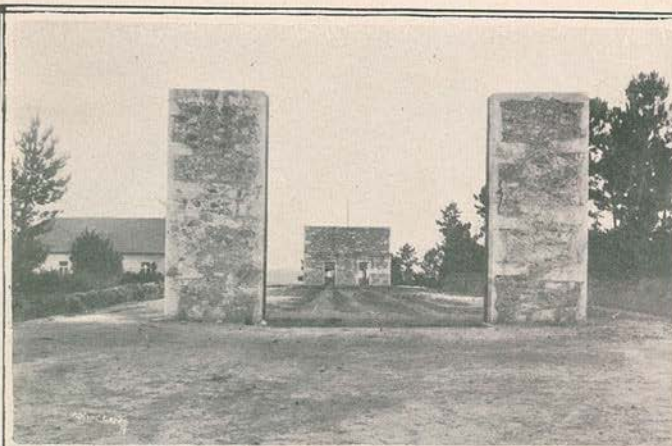


1. O quartel da carreira de tiro em Barcelos que foi construido em 1908
—2. O director da carreira de tiro, sr. tenente Nicolau Bacelar.—
(Clichés do sr. A. Soucataux)

mel soltam canções, enluaradas de sentimento, e gargalhadas fortes tilitam, repercutem-se por ahi fóra. Pela estrada que segue Barcelinhos arriba, junto ao campanario, artifices, em passo estugado, dirigem-se para a vila. Moçoilas, d'olhos trefêgos, passam ajoçadas á cabeça com canecos de lei-



3. Lance de estrada que conduz á plantaforma construida por jornaleiros municipaes e soldados do 3.º batalhão de infantaria 3.



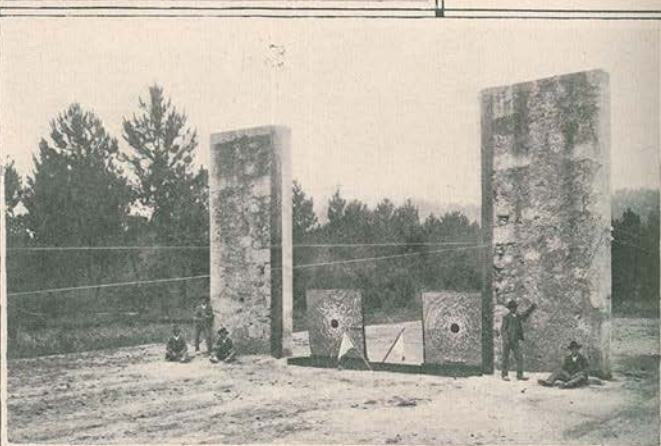
renos retalhados em hortas e casinhas de palmo, *mignones* que fazem lembrar a *mise-en-scène* de presepio. Renques de salseiros, gerbas de malmequeres, e cravinas de tons arroxeados alimentam a boca do poço. Rapazes, espreitam, correm azugadamente ao ruído do carro.

Do outro lado, tojaes salpicam de amarelo as bou-

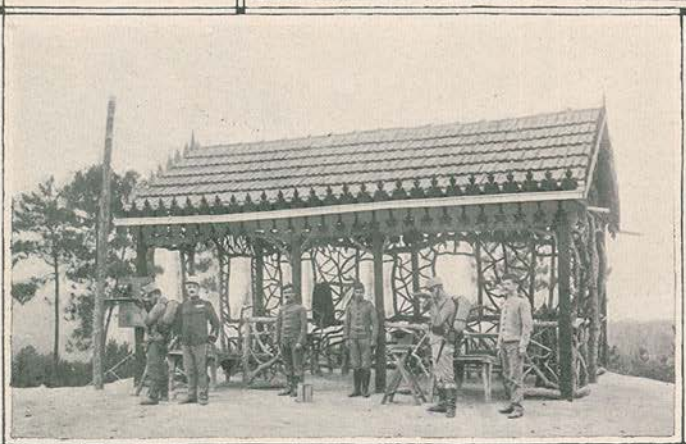
O primeiro abrigo enterrado para balas a 100 metros.

te. Tomada a verdade, que se destina á freguezia de Remelhe, no sitio denominado *Forca Velha*, onde em tempos idos se imolara em holocausto á justiça os delinquentes, a estrada sobe um pouco.

A cenografia campesina começa a desenrolar-se em toda a plenitude. Do lado sestro, ter-



Tiro da carreira: Para balas de 30 a 100 metros.



Tenente Nicolau Bacelar, distinto oficial instrutor e a carreira de tiro a quem esta deve grandes melhoramentos.

ças. O lanço de estrada para a carreira de tiro, surge a dois passos. Eil-o, á esquerda. Sempre a mesma paisagem a acompanhar-nos. Paredes, que velam cuidadosamente as terras do *Senhor*; e laranjaes, pejados de frutos saborosos, a cair de maduros. *Vis-à-vis*, peilhões de pinheiros alinham-se. Limpido fio d'agua desliza pacatamente acariciado por *bouquets* e *festões*

floridos de boninas multicôres. Videiras e mais videiras enlaçam-se amorosamente pelo carvalho. Um melro empoleirado em frondosa cerejeira quebra o silencio com agaiatado *scherzando*. O vehiculo pára. Estamos na carreira de tiro — logar dos Lavadouros, freguezia de Ganil. Galgada uma dezena de degraus de pedra tosca, rustico caramanchel convida amavelmente o visitante a descançar, sob um palio recamado de verdura. Em frente, além rio Cavado, vasta perspetiva se oferece á vista. O casario e arruamentos do burgo barcelense descreminam-se a olho nú. Desenha-se, na sua



ros recheiados de amores perfeitos, deliciosos de mimo e beleza, e rosas, d'um colorido suave, macio, enlevam a retina. As balas cruzam assoabiando descaradamente, e lá cantam na *marche* com ruído. São os soldados, que se exercitam. Com precisão fazem as pontarias. Rapaz, que ha poucas semanas ainda deixou a esteva do arado, porta-se admiravelmente. Cada militar empunha a arma na ancia insatisfeita de vir a ser o mais classificado atirador da sua companhia. O grupo de atiradores civis, um povoreu de jovens, ardentes de entusiasmo, treina-se no manejo das *Mauser Ver-*



1. O atirador sr. João Carlos de Figueiredo, quintanista de direito. (Cliché do sr. J. Pacheco.
2. Grupo de atiradores civis. (Cliché do distinto amator sr. Manuel d'Araujo Coutinho.)

negridão secular a lobrega cadeia, e mais adiante o espaçoso *Campo da Republica*, onde semanalmente se realisa o maior mercado minhoto. Aqui, á nossa retaguarda, o quartel para alojamento da tropa, quando da instrução de tiro. Edificio amplo, batido pelo vento norte, e beneficiado de luz. A entrada, cantei-

gueiro. Punhado de moços, que, amanhã, se a integridade pátria ou as instituições vigentes perigarem irão, d'alma leda, baterem-se pelo lábaro sacrosanto do paiz natal — terra de poetas e de navegadores de nomeada.

Barcelos.

Domingos Ferreira.

A morte dos Filhos de Isadora Duncan

Os jornaes noticiaram o desastre ocorrido em Neully, que ocasionou a morte dos dois filhos da celebre dançarina Isadora Duncan. A seguinte carta do nosso distinto colaborador, sr. Paulo Osorio, escrita no dia imediato ao da catastrophe, traduz a dolorosa impressão que ella produziu nos meios d'arte de Paris.

Ante-hontem, no palco do Chatelet, Isadora Duncan mimava e dançava pela primeira vez a *Ifigenia*, de Gluck. Acompanhava-a a orquestra Colone e, antes de cada dança, Mounet Sully dizia versos. O successo foi tão grande que, no fim da recita, os guardas municipais tiveram de fazer sair da sala um publico numeroso que não se cançava de aplaudir. «O senhor pagou para ver o espectáculo e não para ficar aqui a noite inteira», disse um d'elles a um espectador recalcitrante. E essa frase diz bem o que foi, para a dançarina de genio, essa noite de gloria.

Hélas! Um dia de tragedia, um dia de luto, do mais cruel, do mais horrivel que pôde dilacerar um coração humano, havia de succeder a essa noite de triumpho. Hontem, os dois filhos de Isadora—uma filha de seis anos e



A grande dançarina e os seus ram victimas n'um desastre

filhos Deody e Patick, que fo-
d'automovel. (Cliché Otto).

um filho de tres — saíram a passeio com a governante ingleza. A alguns metros da casa que a dançarina habita em Neully, o automovel que os conduzia teve de fazer uma paragem rapida; e, quando o *chauffeur* desceu para pôr o motor em marcha, o carro partindo inesperadamente, sem governo, foi precipitar-se no Sena. Quando uma hora e meia depois, de lá o tiraram, dentro havia tres cadaveres: os das creanças e o da

peessoa que as acompanhava.

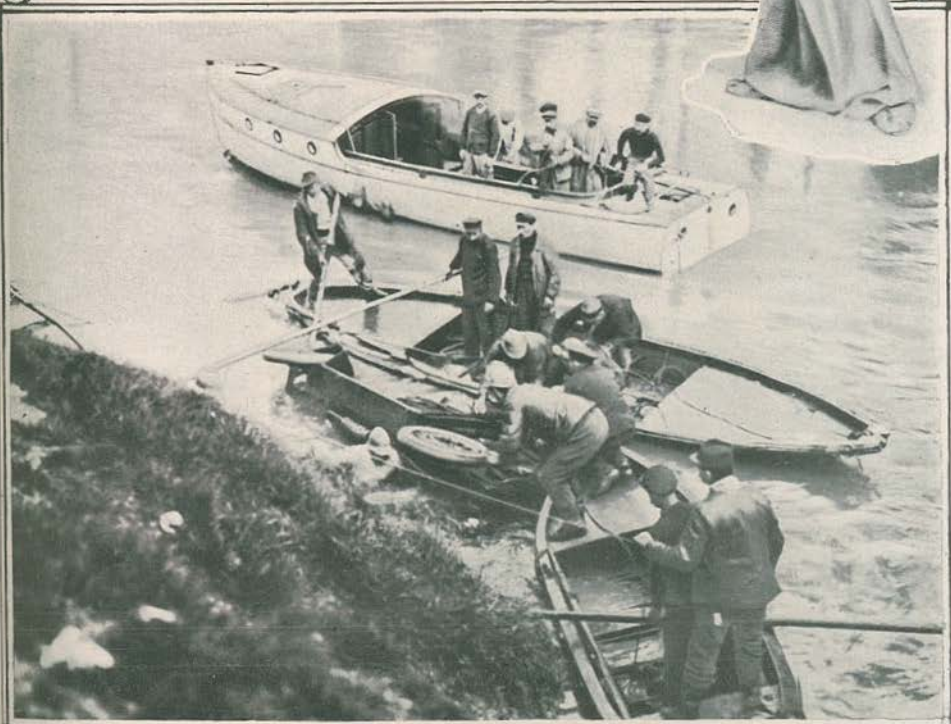
A dois passos d'ali, na mesma casa onde a esta hora ha uma mulher desgraçada cobrindo de lagrimas os rostos gelados d'uns pequeninos mortos, passei eu, ha perto de dois anos, uma tarde d'encanto inolvidavel. Isadora Duncan tinha convidado alguns dos seus amigos, artistas e homens de letras: falara das suas theorias d'arte, dos

seus projetos, das suas ambições e da sua fé de sacerdotisa d'uma religião ideal de graça e de beleza. Diante de nós dansaram as suas discipulas. Depois, sózinho, no hall que, n'um instante nos parecia ainda mais vasto, um bébé apareceu, também dansando. Era um minúsculo querubim, todo loiro, um rostosito de porcelana, uns olhos muito azues; uma boneca admirável que dansava com harmonia, com graça, direi mesmo até com expressão. O seu *peplum* branco soltava-se no ar como as azas d'um anjo de Murillo; sobre o tapete corriam, como voando, os seus péritos nus.

Deody, um dos mortos d'hontem. Jámais eu tinha visto uma creança tão bela. E não teem conta as vezes que, depois, sempre que diante de mim se falou de beleza infantil, eu afirmei: «A creança mais linda que conheço é a filha de Isadora Duncan». Revejo-a agora, o corpito inanimado envolto no *peplum* que o vestia sempre. E tenho a impressão de que vou vel-a sair d'ali, o olhar azul de novo aberto para a luz, soltos ao vento os seus cabelos loiros, e correr, e voar, e desaparecer voando, entre um cortejo d'astros, na cupula do ceu...

Paris, 20 d'abril.

Paulo Osorio.



1. Isadora Duncan. (Cliché Otto). 2. Os bombeiros, procurando tirar de dentro do automovel no Senaa, os cadáveres dos filhos de Duncan.

Ministros de Hespanha em Lisboa



O sr. marquez de Villalobar, o ex-ministro de Hespanha em Lisboa, no dia em que embarcou para a Belgica, rodeado pelos seus amigos e pelos delegados dos Clubs hespanhoes da capital, e membros da colonia.



No Posto da Desinfeção no dia da chegada do novo ministro de Hespanha em Lisboa: O sr. marquez de Villalobar o com os secretarios da legação de Hespanha. A' direita do sr. ministro os srs. presidente da comissão de limites, D. Francisco Lassale, e D. Nicolau de Goyri; á esquerda o sr. D. José Ruiz Gomes, consul de Hespanha; e por detraz do sr. ministro, da esquerda para a direita: D. Angel Donaestever, 2.º secretario e D. Pedro de Miranda, 1.º secretario da legação. (Clichés de Benoliel)

Festa hipica no Porto

No campo de obstaculos do Bessa, no Porto, houve uma luzida festa desportiva oferecida pelo Centro Hipico e que foi das mais brilhantes que ali se tem realisado.

As mais formosas senho-



sendo muito applaudidos os cavaleiros que tomaram parte no concurso.

A primeira corrida foi denominada *preparatoria* e ganha pelo sr. Alberto de Menezes (Margaride), que fez o per-



ras da sociedade portuense enchiam as tribunas; as *toilettes* mais belas destacavam e davam um grande realce ao logar. Tudo decorreu com verdadeiro entusiasmo e com enorme distincção,



curso, no seu cavalo *Morgado*, em quarenta e seis segundos, recebendo como premio um artistico cinzeiro de prata.

A segunda prova da *poule*, iniciada na festa de 9 de março, teve como vence-

1. Um salto de vara pelo cavallo do tenente sr. Feliciano da Costa Junior—2. Um salto pelo cavallo do sr. Ruy de Brito (Ermita)—3. O capitão sr. Joaquim Rangel.

dor o capitão sr. Joaquim Rangel, que, no cavalo *Pady*, fez o percurso sem faltas. Coube-lhe a esplendida taça tão disputada.

Uma das partes mais interessantes da festa foi a do jogo da rosa, um admiravel torneio, sempre magnifico, porque é feito de destreza e de elegancia. Os srs. Antonio Barreto, Feliciano Costa e Luiz Pinto Bacelar jogaram-no

com arte, tendo-se o sr. Feliciano Costa sustentado mais tempo e sendo muito aplaudido.

As provas do concurso oficial realizam-se em junho e estão despertando um grande interesse, sendo esta festa a ultima oferecida pelo Club antes d'aquella data, para a qual se preparam grandes atrativos, estando inscritos muitos dos principaes cavaleiros nacionaes.



1 Uma descida pelo cavalo do tenente sr. Osorio Soto Maior—2. Um salto de grade pelo cavalo do sr. Alberte de Menezes (Margaride)—Um salto de vara pelo cavalo do tenente sr. Artur Barreto—4. Descida pelo cavalo do alferes sr. João Sarmento. (Clchês do sr. Alvaro Martins).

Festa Elegante



1. Um dos pares do minuete.

Em casa do sr. João
Contreiras



3. Mademoiselle Maria do Carmo Contreiras
vestida para o minuete



2. Outro par do minuete.

As festas elegantes entre nós começam a ter outros aspectos além dos bailes classicos. Ficaram famosos alguns *bals de têtes* de que se falará sempre; reuniões onde são representadas peças d'encanto por senhoras da sociedade; organisam-se côros, em que ha bizzarria, o gosto e o luxo dos trajos de quem n'elles toma parte, tudo isto feito com uma inexcedivel arte.

A *Ilustração Portuguesa* tem curiosamente apontado este aspecto da nossa sociedade; seguido atentamente a vida dos salões que se reabrem e nos quaes recomença uma existencia de diversões elegantes.

Ultimamente ainda em casa do sr. João Contreiras esses aspectos se fixaram de uma forma encantadora.



4. As senhoras e cavalheiros que tomaram parte nos côros de canções hespanholas. (Clichés da Fotografia Alemã).

Figuras e Factos



Essad Pachá, o comandante turco de Scutari que sendo vencido se proclamou rei d'Albania em Alessio.

A princeza Agostinha Vitoria de Hohenzolern, filha do principe Guilherme de Hohenzolern e noiva do ex-rei D. Manuel.



Padre Manuel Pereira Junior, de Vieira de Leiria, recentemente falecido.

Sr. Afonso Pereira Ferraz, arquiteto português, cujos trabalhos acabam de ser admitidos no 'Salon' de Paris.

Sr. Antonio Maria d'Oliveira e Silva, proprietário em Montemor-o-Novo, falecido recentemente.



Um aspéto do tribunal marcial no primeiro dia da audiéncia do 'complot' de Evora em que foram julgados 41 réus e entre elles os sr. maior Montez, capitães Raul de Menezes e Francelino Pimentel, tenentes Vasconcelos e Sá, Cabedo e Antonio Domingos Ferreira—(Cliché de Benoliel)



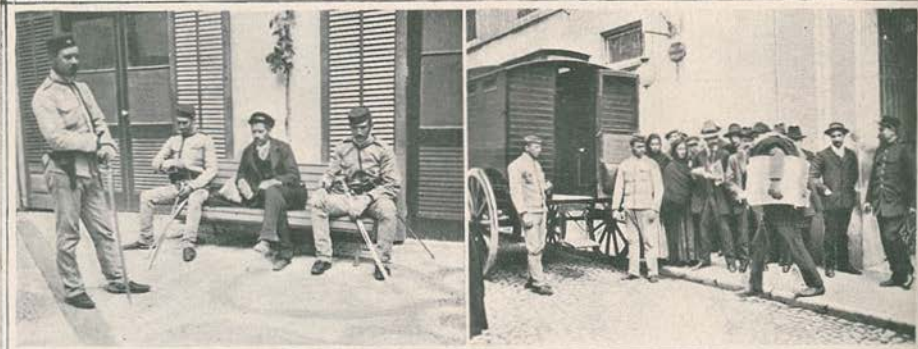
1. Sr. Antonio Bento d'Oliveira, empregado d'alfandega, falecido recentemente.—2. Sr. José Carlos Rodrigues Grilo, notario em Lisboa, falecido em 30 d'abril.—3. Sr.ª Viscondessa de Chancelieiros, falecida em 30 d'Abrii.—4. Sr. Maximiliano Augusto Hermann, falecido em 27 d'abril.

-NO PORTO—*Um Drama d'Amôr*—



5—Antonio Finto de Mesquita.—6. Belarmina Correia de Castro Silva.—7. Antonio Pinto de Mesquita, 1.º cabo de infantaria 6, e Belarmina Correia de Castro Silva, duas almas morbidamente romanescas, alojadas em corpos devéras simpáticos, põem termo á vida, no quartel d'aquele regimento, no Porto, receosos de difficuldades economicas, que duas almas fortes julgariam pueris e venceriam facilmente, compensando a felicidade.

Ainda os acontecimentos politicos



No governo civil: Um dos presos, no quartel de Queluz, quando tentava introduzir-se na bateria.

A entrada de alguns presos, no carro celular, á porta do governo civil

Durante algum tempo foi ainda o *complot* de 27 de abril o alvo das conversas, principalmente depois das primeiras declarações dos officiaes acusados de n'ele terem tomado parte e alguns dos quaes se dizem inteiramente estranhos a todo o movimento e outros que se ligaram para reprimir uma tentativa monarchica, que devia fazer-se na madrugada de 29, dia do aniversario da outorga da Carta Constitucional. De bordo do S. Gabriel dispararam-se tres tiros na noite seguinte, do que resultou a prisão de alguns marinheiros. O Almirante Reis e Beira saíram a barra sem que tivesse a sua partida coisa alguma com a



O livreiro sr. Gomes de Carvalho, preso como implicado no «complot»

Capitão de fragata sr. Fontes Pereira de Melo acusado de tomar parte no «complot»

Dr. Mario Monteiro, aousado de tomar parte no «complot» e que fugiu do paiz.

marcha do inquerito aos presos que estavam n'esse tempo a bordo do cruzador *Republica*.

Foram tambem presos alguns sargentos da bateria aquartelada em Queluz, acusados de tentarem secundar o movimento e recolheram á Casa de Reclusão onde, dois dias depois, lhes foi levantada a incomunicabilidade, começando então as suas justificações e dizendo-se alheados do *complot*, no qual, conforme noticias dos jornaes, havia muita gente implicada.



O S. Gabriel de bordo do qual se dispararam tiros na madrugada de 29 de abril.



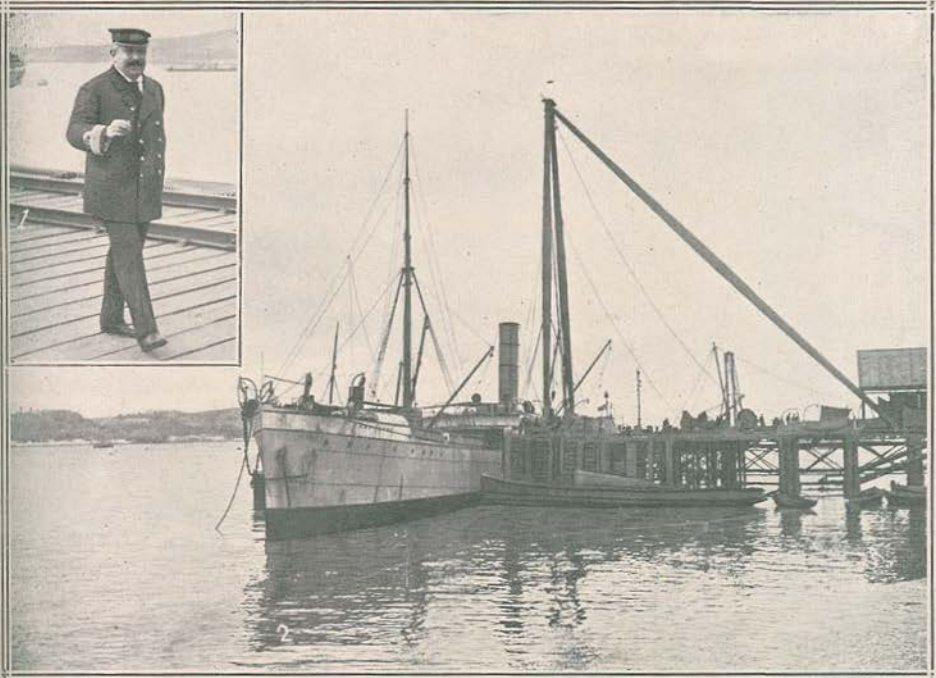
A cidade d'Angra, vendo-se ao fundo o castelo onde os presos estão internados e onde serão julgados.



Outro aspéto de Angra do Heroísmo, em cuja fortaleza se internaram os implicados no *complot*.



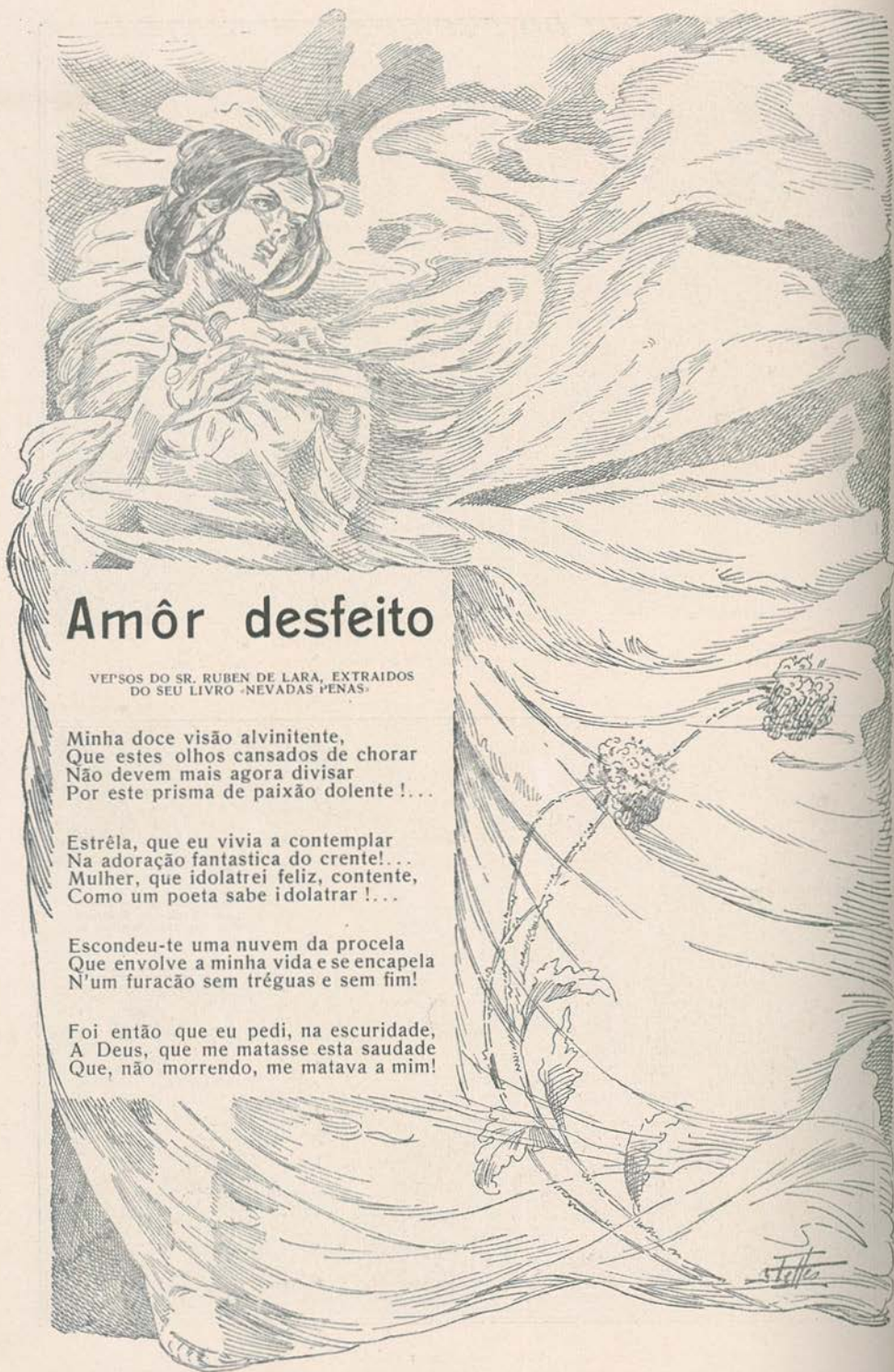
Um trecho da cidad: d'Angra, tirado da rua da Rocha.



1. O capitão de bandeira do «Cabo Verde» sr. Artur José dos Reis.—2. O «Cabo Verde», atracado á ponte do Arsenal para embarcar os presos implicados nos ultimos acontecimentos.



3. O embarque de mantimentos para o «Cabo Verde», durante a tarde de domingo—(Clichés de Benoliel)



Amôr desfeito

VEP'SOS DO SR. RUBEN DE LARA, EXTRAIDOS
DO SEU LIVRO -NEVADAS PENAS-

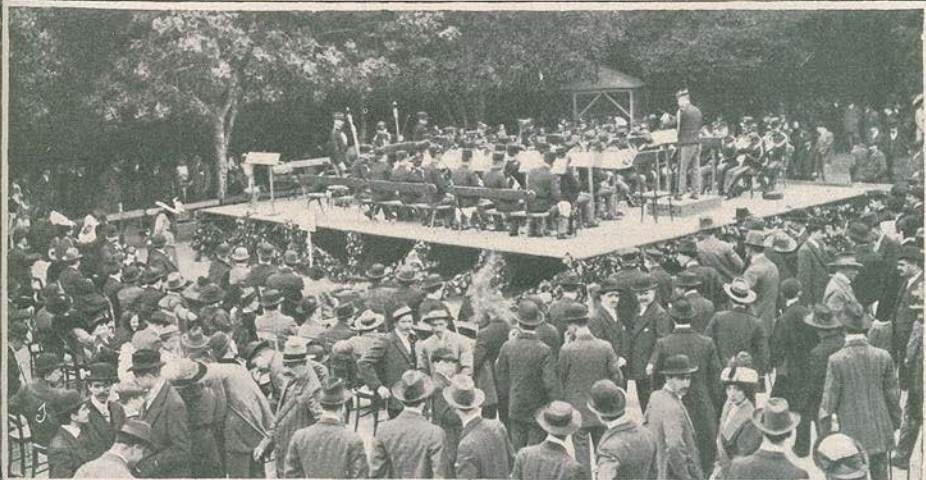
Minha doce visão alvinhente,
Que estes olhos cansados de chorar
Não devem mais agora divisar
Por este prisma de paixão dolente !...

Estrêla, que eu vivia a contemplar
Na adoração fantastica do crente! ...
Mulher, que idolatrei feliz, contente,
Como um poeta sabe idolatrar !...

Escondeu-te uma nuvem da procela
Que envolve a minha vida e se encapela
N'um furacão sem tréguas e sem fim!

Foi então que eu pedi, na escuridade,
A Deus, que me matasse esta saudade
Que, não morrendo, me matava a mim!

A festa em homenagem ao Brazil



Em comemoração da descoberta do Brazil realizou-se um concerto e festas brilhantíssimas no Jardim Zoológico, a que assistiram representantes da grande republica e numerosos espectadores.



1. A banda da Guarda Republicana dando o concerto no Jardim Zoológico—2. O sr. Veloso Rebelo, 1.º secretario da legação do Brazil, o consul, sr. dr. Teixeira de Macedo e senhoras das suas familias na festa.



3. Um trecho da assistência á festa. Clichés Benoiel.

A CHEGADA DO 34 A LISBOA

Em virtude dos últimos acontecimentos políticos, uma parte dos quaes se desenrolou no quartel d'infantaria 5, foi este regimento transferido para Santarem, seguindo para ali sob o comando do sr. coronel Sarsfield.

Para o quartel da Graça vieram dois batalhões do 34 de infantaria que se encontravam n'aquella cidade e se apresentaram



ao comando da divisão em 4 de maio, ficando pertencendo á guarnição de Lisboa.

A séde do regimento é na Guarda, d'onde virá o primeiro batalhão juntar-se aos dois restantes, devendo para ali marchar os do corpo transferido.

Chegaram primeiro cento e oitenta praças, sob o comando do sr. major Baptista, vindo a banda e outros contingentes no dia seguinte.



1. O regimento á saída da estação do Rocio—2. Os oficiais do 34, na parada do quartel d'onde saiu infantaria 5, e á direita o major d'este regimento, que fez entrega do quartel—3. O regimento formado no Rocio, quando se foi apresentar ao quartel general. (Clíchés Benoitel).

... Figuras e Factos ...



O illustre pianista Viana da Mota e sua esposa sr.^a D. Berta Viana da Mota, que realisaram um concerto notavel no Republica.

Viana da Mota, o eximio pianista que tão aplaudido tem sido nos concertos do Republica, é um dos musicos portuguezes que honra o nome do nosso paiz no estrangeiro, onde tem grande numero de admiradores do seu talento de executante primoroso.



Sousa Costa, autor do novo romance *Sempre Virgem*.

Sousa Costa é um dos nossos romancistas consagrados e um incansavel trabalhador. A sua obra é toda de observação; os seus personagens nitidamente desenhados.

O illustre romancista acaba de publicar mais um livro intitulado *Sempre Virgem*, onde, mais uma vez, brilha o seu talento.



O casamento do sr. D. João da Costa de Sousa de Macedo (Mesquitela), com a sr.^a D. Laura Arroio Castel Branco. Os noivos á saída da igreja do Coração de Jesus. (Cliches Benoliel).

Na moderna geração de músicos nacionaes occupa um brilhante logar o compositor Rui Coelho, cujo ultimo trabalho, *Sinfonia Camoneana*, é uma obra cheia d'arte e de beleza.

Será executada em S. Carlos, quando das festas da cidade, e cantada por 500 vozes do Grande Orfeon de Lisboa, que Antonio Joice dirigirá.



O presidente Tancredo Augusto revelou-se um dos maiores estadistas do seu paiz.

Tendo sido eleito em 8 de agosto do ano passado, o seu mandato terminava em 1919.



O sr. Rui Coelho, que compoz a *Sinfonia Camoneana*.

Luiz Morote, que Portugal viu como um amigo, era um dos grandes reporters do paiz visinho.

A Europa conhecia-o; conseguira fazer com que o seu nome atravessasse as fronteiras, gosando de uma justa e merecida fama.

Quando da ditadura franquista, os seus artigos tiveram um eco retumbante, assim como as suas cronicas para a Havana.

Era deputado monarchico, tendo ultimamente militado no partido republicano. A morte de Morote causou uma profunda sensação. O seu ultimo artigo intitulava-se *Paulo Hervieu e a sua obra*.



General Tancredo Augusto, presidente da republica do Haiti, falecido em 4 de maio



A illustre atriz Amelia Lupicolo, uma das mais distintas interpretes de opereta, falecida em 5 de maio.



D. Luiz Morote, illustre jornalista hespanhol, um dos maiores reporters europeus, falecido em 4 de maio.

Amelia Lupicolo foi uma das mais belas atrizes de opereta. Tinha a graça, a garridice, o encanto, a arte de sublinhar o *con-*

plet, e, tendo sido uma linda mulher, atraia o publico que a consagrara, votando-lhe uma fervorosa admiração.



Sr. marquez da Fraia de Montorte, recentemente falecido.



Sr. Antonio Fortunato da Cruz Monteiro, falecido em Pinhel.



O industrial sr. Manuel Marques Simões, recentemente falecido.



Sr. José Manuel d'Andrade, recentemente falecido em Coruche.

